

“VINICIUS DE MORAES:  
POESIA DE MUITOS PLURAIS”

# Vinicius de Moraes: língua e linguagem poética

IVAN JUNQUEIRA

Ocupante da  
Cadeira 37  
na Academia  
Brasileira de  
Letras.

Sempre que me toca reler a poesia de Vinicius de Moraes, mais me convenço de que até hoje não lhe fizeram a devida justiça, seja por indigência exegética, seja por preconceito literário. É claro que não se pode situá-lo entre os maiores poetas brasileiros do século – e aqui me refiro, especificamente, a Bandeira, Drummond, Jorge de Lima, Dante Milano e João Cabral de Melo Neto –, mas é que Vinícius, quer pelo domínio da língua – e das boas tradições da língua –, quer pela pujança de sua linguagem poética, cultivou uma vertente lírica dentro da qual são poucos, ou muito poucos, os que dele lograram se aproximar. Há nos versos do autor uma tragicidade tão intensa e dolorosa que nem o *humour* nem a participação social de seus últimos poemas serão capazes de apagar. Vinicius de Moraes será sempre, e acima de tudo, o poeta do amor e da morte. E talvez por isso mesmo seja ele o poeta mais emblemático de sua

---

\* Conferência proferida na ABL, em 26 de novembro de 2013.

época, assim como o foram Baudelaire e Dylan Thomas, aquele que com maior desassombro e autenticidade encarnou o mito de Orfeu, descendo aos infernos da vida e da morte em busca de sua Eurídice, que foram muitas e talvez nenhuma. Seu trânsito tardio para a música não é, portanto, fortuito, mas uma destinação que, sob muitos aspectos, se confunde com a danação fáustica, como o atesta, não propriamente o decisivo papel que desempenhou na evolução de nosso cancionário popular, mas a urdidura poético-dramática que sustenta o seu *Orfeu da Conceição* (1956).

Como todos os da sua geração, a da década de 1930, Vinicius de Moraes é um dos mais característicos herdeiros do Modernismo de 1922, tendo levado ao ápice, como bem assinala J. Sérgio Milliet, “os vícios e as virtudes da escola”. Se acrescentarmos a esse perfil as preocupações transcendentais, amiúde místicas, visíveis na primeira etapa de sua formação, de fundas raízes cristãs, como se vê em *O caminho para a distância* (1933), *Forma e exegese* (1935) e *Ariana, a mulher* (1936), teremos um retrato de corpo inteiro desse Vinicius ainda imaturo e caudaloso, mas em cuja produção já desponta o rigor formal que o acompanhará vida afora. É ainda Milliet quem o sublinha: “Sua predileção pela disciplina formal é (...) característica. Raríssimamente se abandona ao capricho da inspiração, em que pesem as aparências. Controla-se, e quase sempre sob as medidas clássicas do alexandrino, do decassílabo e do verso de sete pés (...)”. Ou seja, diríamos de nossa parte, em consonância com a índole da língua.

Tais observações de Milliet, no entanto, somente se poderiam aplicar ao volume seguinte do autor, *Novos poemas* (1938), pois naqueles três primeiros, como pondera Manuel Bandeira, o poeta ainda “se debatia entre as solicitações da carne e as do espírito; debatia-se naquele conflito que Otávio de Faria definiu como uma perplexidade entre ‘a impossível pureza’ e ‘a impureza inaceitável’”. Ressoava o seu canto como a longa e desesperada queixa de um prisioneiro”. O que se lê até então em quase todos os poemas do autor é o mesmo tom austero, quase solene, os mesmos ritmos largos, dir-se-iam bíblicos, que encontramos na poesia de Augusto Frederico Schmidt, como se pode observar nesta estrofe do poema “O incriado”:

*Eu sou o Incriado de Deus, o que não teve a sua alma e semelhança  
Eu sou o que surgiu da terra e a quem não coube outra dor senão a terra  
Eu sou a carne louca que freme ante a adolescência impúbere sobre a imagem criada  
Eu sou o demônio do bem e o destino do mal mas eu nada sou.*

Nesses quatro primeiro livros, o que mais aproxima Vinicius de Moraes do discurso dos poetas do período de transição entre o modernismo ortodoxo e a poesia que a partir de então se cultivou é, sem dúvida, sua riqueza de imagens e, curiosamente, sua falta de coragem para despojar-se do supérfluo e reduzir o poema à sua essência.

Em outras palavras, mais precisamente as de Mário da Silva Brito: “Vinicius de Moraes, nessa fase, é patético e dramático, e seu processo de expressão é o versículo bíblico a Claudel ou Patrice de la Tour du Pin. Linguagem estranha, exaltada, e até nebulosa que traduz aguda sensualidade e misticismo.” É curioso que, egresso do modernismo ortodoxo, tenha o poeta reagido, de início, ao prosaico e ao cotidiano, muito embora viesse a renovar essa temática quando a ela aderiu, sobretudo graças àquela efusão lírica a que já aludimos. Não lhe é favorável, contudo, o juízo crítico de Péricles Eugênio da Silva Ramos, a meu ver injusto, quando afirma que, “entregando-se a pesquisas de dicção, não chegou Vinicius a cristalizar sua poesia em expressão irredutivelmente própria”, ou quando sustenta que “até como sonetista Vinicius de Moraes não descobriu o seu modo imperativo de dizer” e que “boa parte de seus sonetos, com efeito, são pastiches quinhentistas”. Está correto o ensaísta quando lhe denuncia influências mal absorvidas, entre as quais as de García Lorca, a quem de fato quase plagia no poema “O rosário”, cujos primeiros versos parecem sair inteiros de “La casada infiel”. Mas não tem razão quanto àquelas primeiras objeções, pois o impulso lírico de Vinicius supera todas as suas deficiências estilísticas ou transbordamentos retóricos.

Foi talvez Mário de Andrade quem melhor entendeu a poesia que o autor escreveu até o fim da década de 1930. Com efeito, no ensaio “Belo, forte, jovem” (1939), ao abordar os *Novos poemas*, diz o grande líder modernista que desapareceram “aquela firmeza dos livros anteriores e aquela personalidade

entregue que, conhecido um poema, não nos preocupava mais, reconhecia em todos”, mas, sublinha o autor de *Macunaíma*, “a personalidade demonstrada por Vinicius de Moraes nos livros anteriores era, senão falsa, pelo menos bastante reorganizada por preconceitos adquiridos. Era uma personalidade que se retratava pela doutrina estética adotada, muito mais que uma real personalidade, vinda de fatalidades interiores”. Mário de Andrade pusera o dedo na ferida, e foi ainda mais certo quando, nesse mesmo ensaio, denunciou o perigo que o poeta passara a correr ao deixar-se influenciar por “uma poesia tão marcadamente pessoal como a de Manuel Bandeira”, cujo poema “A estrela da manhã” desponta sob o palimpsesto do “Amor nos três pavimentos”, de Vinicius. Mas era, afinal, a libertação que o jovem poeta alcançara no que toca à sufocante visão estética e doutrinária de um de seus maiores críticos, Otávio de Faria. Observa ainda Mário de Andrade que Vinicius se apropria de alguns preciosismos gramaticais e verbais de Bandeira “que talvez lhe venham de amizades invejáveis com alguns filólogos” e que ora, inesperadamente, transparecem em certos poemas do autor, como a “Ária para assovio”, a “Balada para Maria” e o “Soneto a Katherine Mansfield”, mas revela o discernimento e a generosidade que faltaram a Péricles Eugênio da Silva Ramos, quando lhe descobre o lado benéfico de tais influências, como seria o caso do belo poema “O falso mendigo”, cujos primeiros versos aqui transcrevo:

*Minha mãe, manda comprar um quilo de papel almaço na venda*

*Quero fazer uma poesia.*

*Diz a Amélia para preparar um refresco bem gelado*

*E me trazer muito devagarinho.*

*Não corram, não falem, fechem todas as portas a chave*

*Quero fazer uma poesia.*

*Se me telefonarem, só estou para Maria*

*Se for o Ministro, só recebo amanhã*

*Se for um trote, me chama depressa*

*Tenho um tédio enorme da vida*

*Diz a Amélia para procurar a Patética no rádio*

*Se houver um grande desastre, vem logo contar  
Se o aneurisma de dona Ângela arrebentar, me avisa  
Tenho um tédio enorme da vida.*

É particularmente notável a advertência que lhe faz Mário de Andrade quanto ao abuso do ritmo livre, sobretudo do verso de feição bíblica, longo e impessoal, ponderando que tais expedientes constituíam então um dos “perigos” e uma “das facilidades da poesia moça do Brasil”. Pois bem: transcorreu mais de meio século, e os jovens de hoje ainda reincidem nessa tolice, ou seja, a de julgar que o verso livre, que é difícilíssimo, tem de fato algo de livre. Veja-se o que diz pouco adiante o ensaísta: “E o verso deles vai perdendo em caráter e riqueza rítmica, o que vai ganhando em banalidade de falsa ondulação. Neste sentido, acho mesmo que as novas gerações vão bem mal quanto à poesia. *Desapareceram os artistas do verso*, e, o que é pior, a poesia virou inspiração.” (Os grifos são nossos.) Com sua contumaz acuidade, Mário de Andrade como que antecipa a maturação da linguagem poética de Vinicius de Moraes, em particular no soberbo exercício de estilo em que consiste o soneto, já que “ele o retoma como a necessidade do seu dizer”, e não como aquele maneirismo quinhentista equivocadamente apontado por Péricles Eugênio da Silva Ramos, que não conseguiu enxergar aí o entranhado amor do poeta à índole e às boas tradições da língua. E remata Mário de Andrade: “É possível que, pela irregularidade do livro, se possa concluir que o poeta está num período de transição.” Errou por muito pouco: a transição chegara ao fim, e a poesia de Vinicius de Moraes já beirava o limiar de duas de suas mais altas realizações: *Cinco elegias* (1943) e *Poemas, sonetos e baladas* (1946).

Para que se compreenda por que Vinicius de Moraes insiste ainda em recorrer ao verso longo nas *Cinco elegias*, convém sublinhar aqui o sentido mais profundo que, nesse contexto, adquire o verso “Tudo é expressão”, pertencente à “Elegia lírica” e que, com uma leve alteração, se repete no final do poema:

*Mas tudo é expressão!  
Insisto nesse ponto, senhores jurados*

*O meu amor diz frases temerárias:  
Angústia mística  
Teorema poético  
Cultura grega dos passeios no parque ...  
No fundo o que eu quero é que ninguém me entenda  
Para eu poder te amar tragicamente!*

Escritas durante o período em que o poeta, agraciado com uma bolsa de estudos do Conselho Britânico, estudou no Merton College, da Universidade de Oxford, essas elegias refletem não apenas a solidão e o isolamento em que então se encontrava, mas também – e sobretudo – a ruptura definitiva com as matrizes espirituais que lhe inervam toda a produção anterior. São sintomáticos – e magníficos – os três versos que abrem essa pungente e soberba sequência elegíaca, pertencentes à “Elegia quase uma ode”:

*Meu sonho, eu te perdi; tornei-me em homem.  
O verso que mergulha o fundo de minha alma  
É simples e fatal, mas não traz carícia*

E logo adiante:

*Pobre de mim, tornei-me em homem.  
De repente, como a árvore pequena  
Que à estação das águas bebe a seiva no húmus farto  
Estira o caule e dorme para despertar adulta  
Assim, poeta, voltaste para sempre.*

Apesar de sua gradual e irremissível caminhada em direção às medidas métricas mais estritas, como se vê nos *Novos poemas*, ser-lhe-ia muito difícil, senão mesmo impossível, delas se valer em momento de tão intensa metamorfose ontológica. As *Cinco elegias* são, assim, uma como que despedida daquela angústia transcendental que tanto atormentara o autor em sua primeira fase de produção. Mas não são apenas isso, como a seguir se verá.

É aqui que de fato se inicia o amadurecimento da linguagem poética de Vinicius de Moraes. É dessa distensão verbal extrema que o poeta evoluirá para as formas concisas do soneto, da canção e da balada. Seria talvez como se o autor houvesse esgotado todas as possibilidades polimétricas do versículo bíblico, que lhe era ainda, todavia, necessário nesse instante em que se lhe transmavam os valores espirituais e estéticos. O tempo do sonho místico terminara, e, “no entanto, era mais belo o tempo em que sonhavas...”. Aquele ideal metafísico do poeta que “busca ainda as viagens eternas da origem” e que “sonha ainda a música um dia ouvida em sua essência” esbarra de súbito na realidade da vida, e se transforma. O poeta cede lugar ao homem:

*Oh ideal misérrimo, te quero:  
Sentir-me apenas homem e não poeta!*

A pujança imagístico-metafórica do autor alcança nessas *Cinco elegias* seu momento paroxístico:

*Choro,  
Choro atrozmente, como os homens choram.  
As lágrimas correm milhões de léguas no meu rosto que o pranto fez gigantesco.*

De nada mais lhe valem os pensadores e os filósofos, como tampouco os “escritores russos, alemães, franceses, ingleses, noruegueses”, os quais já não podem fazê-lo sentir-se “sábio como antigamente”:

*Hoje me sinto despojado de tudo que não seja música  
Poderia assoviar a ideia da morte, fazer uma sonata de toda a tristeza humana  
Poderia apanhar todo o pensamento da vida e enforcá-lo na ponta de uma clave de Fá!*

A par de toda essa tragicidade, porém, a “Elegia quase uma ode”, como as demais, já deixa muito claro a abertura do espírito do poeta à caducidade

e à contingência das coisas miúdas e efêmeras que povoam a existência desse “bicho da terra tão pequeno”. Não obstante sua ânsia ascensional, os versos finais dessa primeira elegia estão banhados de um humor que se confunde com o lirismo romântico e a sensualidade cósmica, aquela mesma que se verá depois em poemas como “A partida” e “Os acrobatas”:

*Mendelsobn, toca tua marchinha inocente  
Sorriam, pajens, operárias curiosas  
O poeta vai passar soberbo  
Ao seu braço uma criança fantástica derrama os óleos santos das últimas lágrimas  
Ah, não me afogueis em flores, poemas meus, voltaí aos livros  
Solness, voa para a montanha, meu amigo  
Começa a construir uma torre bem alta, bem alta...*

Esse humor anima também boa parte da “Elegia lírica”, a segunda do conjunto, sobretudo em versos como estes:

*A minha namorada é muito culta, sabe aritmética, geografia, história, contraponto  
E se eu lhe perguntar qual a cor mais bonita ela não dirá que é a roxa porém brique.  
Ela faz coleção de cactos, acorda cedo e vai para o trabalho  
E nunca se esquece que é a menininha do poeta.  
Se eu lhe perguntar: Meu anjo, quer ir à Europa ? ela diz:  
Quero se mamãe for!*

O tom trágico reaparece na “Elegia desesperada”, como é flagrante nos primeiros versos:

*Alguém que me falasse do mistério do Amor  
Na sombra — alguém: alguém que me mentisse  
Em sorrisos, enquanto morriam os rios, enquanto morriam  
As aves do céu! e mais que nunca*

*No fundo da carne o sonho rompeu um claustro frio  
Onde as lúcidas irmãs na branca loucura das auroras  
Rezam e choram e velam o cadáver gelado do sol!*

A diluição do conceito cristão de Deus conduz lentamente o poeta ao *pathos* do desespero, que agora lhe substitui a angústia existencial:

*Gritarei a Deus? – ai dos homens!  
Aos homens? – ai de mim! Cantarei  
Os fatais hinos da redenção? Morra Deus  
Envolto em música! – que se abracem  
As montanhas do mundo para apagar o rastro do poeta!*

Pertence a esta elegia uma das passagens mais ortodoxas e felizes da moderna poesia brasileira (*O desespero da piedade*), onde, reconciliado com alguns dos mais característicos expedientes dos modernistas de 1922, o autor conjuga o humor ao patético, o erudito ao vulgar, o drama social ao lirismo cotidiano, a anedota à enumeração caótica dos elementos, para concluir com um dilacerado e dilacerante rogo de piedade a um Deus no qual, todavia, ele já não crê:

*Tende piedade, Senhor, das santas mulheres  
Dos meninos velhos, dos homens humilhados – sede enfim  
Piedoso com todos, que tudo merece piedade  
E se ainda piedade vos sobrar, Senhor, tende piedade de mim!*

A quarta elegia, a “Elegia ao primeiro amigo”, está infiltrada de uma atmosfera intimista que se diria quase rilkiana, como se pode ver nestes versos:

*Existo também; de algum lugar  
Uma mulher me vê viver; de noite, às vezes  
Escuto vozes ermas  
Que me chamam para o silêncio.*

Mas o humor retorna quase patético e feroz quando o poeta nos fala de sua delicadeza: “Serei delicado. Sou muito delicado. Morro de delicadeza”, verso no qual é visível a paródia a Rimbaud: “Par délicatesse/J’ai perdu ma vie”, da “Chanson de la plus haute tour”. Ou: “Mato com delicadeza. Faço chorar delicadamente.” Ou adiante:

*Sou um meigo energúmeno. Até hoje só bati numa mulher  
Mas com singular delicadeza. Não sou bom  
Nem mau: sou delicado (...).*

Ou ainda:

*Meu comércio com os homens é leal e delicado: prezo ao absurdo  
A liberdade albeia; não existe  
Ser mais delicado do que eu; sou um místico da delicadeza  
Sou um mártir da delicadeza; sou  
Um monstro de delicadeza.*

Finalmente, “A última elegia”, concebida a partir de um *puzzle* linguístico-metafórico em que aflora a prática do intertextualismo poético (há ecos de diversos autores ingleses clássicos e modernos, entre os quais Shakespeare, curiosamente parafraseado nos seguintes versos: “Amanheceu, não durmas... o bálsamo do sono/Fechou-te as pálpebras de azul ... Victoria & Albert resplande? Para o teu despertar; ô darling, vem amar/À luz de Chelsea! não ouves o rouxinol cantar em Central Park?”), constitui um hino heteróclito de louvor aos “roofs of Chelsea”, impressos em forma de telhados logo ao início do poema, que termina com esta bela e radiante invocação:

*Ye pavements!*  
— até que a morte nos separe —  
ó brisas do Tâmis, farfalhai!  
  
Ó telhados de Chelsea,  
amanhecei!

E assim amanhece a nova vertente da poesia de Vinicius de Moraes, a da redução métrica e da maior tangibilidade em relação aos aspectos mais imediatos e palpáveis da realidade fenomênica, o que o levará pouco depois ao engajamento político-social, conquanto efêmero, e a um maior apego ao caráter popular de nosso cancionero.

Com poucas exceções – vez por outra o poeta voltará ao verso de ritmos largos, como ocorre em dois poemas esplêndidos, “Pátria minha” e “Elegia na morte de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, poeta e cidadão”, dedicada a seu pai –, toda a poesia escrita desde então por Vinicius de Moraes tende a medidas métricas mais ou menos regulares, como se pode ver no já citado *Poemas, sonetos e baladas* e, ainda, no *Livro de sonetos* (1957) e em *Novos poemas* (1959). O caso dos sonetos e das baladas, algumas destas ainda influenciadas pela dicção encantatória de García Lorca (“Balada na praia do Vidigal”, “A morte de madrugada”, “O poeta e a lua”, “Balada negra”) e por aquele coloquialismo inconfundível de Manuel Bandeira (“Balada para Maria”, “A estrela polar”, “Sinos de Oxford”), merecem consideração à parte, pois neles deu o poeta, em muitíssimos momentos, o melhor de si e, talvez, de toda a poesia que se escreveu em seu tempo. É curioso – e isso traz de volta aquela reflexão de Mário de Andrade acerca da extrema dificuldade imposta pelo verso livre – como Vinicius de Moraes, cuja espontaneidade expressiva lhe caracteriza em boa parte a linguagem poética, se revela ainda mais espontâneo e fluente no enganoso constrangimento métrico do verso medido. Um poema como “Trecho”, cheio de graça e malícia, conquanto despretensioso, dá bem a ideia do que queremos dizer. Perceba o leitor a naturalidade com que transita o autor em meio às redondilhas:

*Quem foi, perguntou o Célo  
Que me desobedeceu?  
Quem foi que entrou no meu reino  
E em meu ouro remexeu?  
Quem foi que pulou meu muro  
E minhas rosas colheu?*

*Quem foi, perguntou o Celo  
E a Flauta falou: Fui eu.*

*Mas quem foi, a Flauta disse  
Que no meu quarto surgiu?  
Quem foi que me deu um beijo  
E em minha cama dormiu?  
Quem foi que me fez perdida  
E que me desiludiu?  
Quem foi, perguntou a Flauta  
E o velho Celo sorriu.*

Não será necessário muito esforço para compreender por que Vinicius de Moraes é, até hoje, um dos nossos poetas de maior aceitação popular. A historieta maliciosa entre o austero celo e a trêfega flauta pode ser entendida por qualquer um. Embora às vezes preciosa e hermética, pelo menos até *Cinco elegias*, sua linguagem ostenta um irresistível poder de comunicação e de sedução, muito semelhante, aliás, à daquele mesmo García Lorca, a rigor difícilíssimo em seu amiúde obscuro surrealismo, em quem tanto se inspirou o poeta.

Quanto às baladas, foi nelas quase sempre extremamente feliz o autor. Anima-as ora o coloquialismo cotidiano, dir-se-ia até *doméstico*, como na “Balada do Cavalão”, ora a denúncia social, como é o caso da soberba “Balada do Manguê”, ora o impulso lírico, presente na “Balada de Pedro Nava” ou na “Balada das meninas de bicicleta” (à qual pertencem estes dois versos memoráveis: “Centauresas transpiradas/Que o leque do mar abana!”), ora, ainda, a ambiência macabra, como se pode ver na funérea “Balada do enterrado vivo” ou na magnífica “Balada da moça do Miramar”, de acentos quase baudelairianos (“Une charogne”, “Danse macabre”) e repugnante clima de putrefação:

*Seus ambos joelhos de âmbar  
Furam-lhe o branco da pele  
E a grande flor de seu corpo*

*destila um fétido mel*

.....  
*A vida que está na morte*  
*Os dedos já lhe comeu*  
*Só lhe resta um aro de ouro*  
*Que a morte em vida lhe deu*  
*Mas seu cabelo de ouro*  
*Rebrilha com tanta luz*  
*Que a sua caveira é bela*  
*E belo é seu ventre louro*  
*Com seus pelinhos azuis*

.....  
*E enquanto os dias se passam*  
*Trazendo putrefação*  
*À noite coisas se passam...*  
*A moça e a lua se enlaçam*  
*Ambas mortas de paixão*

.....  
*Ah, vermes, morte vivendo*  
*Nas flores ainda em botão*  
*Ah, sonhos, ah, desesperos*  
*Ah, desespero de amar*  
*Ah, vida sempre morrendo*  
*Ah, moça do Miramar!*

Já a “Balada do enterrado vivo” explora aquele temor de que são vítimas muitos de nós diante da ideia de que possamos despertar sob os sete palmos de terra. São terríveis seus últimos versos, marcados pelo eco implacável desse brasileiríssimo ão:

*Bate, bate, mão aflita*  
*No fundo deste caixão*

*Marca a angústia dos segundos  
Que sem ar se extinguirão!*

.....  
*Corre mente desvairada  
Sem consolo e sem perdão  
Que nem a prece te ocorre  
À louca imaginação!  
Busca o ar que se te finda  
Na caverna do pulmão  
O pouco que tens ainda  
Te há de erguer na convulsão  
Que romperá teu sepulcro  
E os sete palmos de chão:  
Não te restassem por cima  
Setecentos de amplidão!*

Fora do âmbito da balada, Vinicius de Moraes alcança também a plenitude em alguns poemas de rara mestria, nos quais se associam à emoção todas aquelas virtudes técnicas a que já aludimos. Seria injusto esquecer aqui – e não é à toa que estejam todas recolhidas em sua *Antologia poética* (1960) – realizações como “Ternura”, “A mulher que passa” (notável por seus impecáveis eneassílabos), “Os acrobatas”, “Sombra e luz”, “Cântico”, “Epitáfio”, “Mensagem à poesia”, “Balanço do filho morto”, “Poema enjoadinho”, “Pátria minha” (onde o conceito de pátria é liricamente antropomorfizado), “Poética”, “O operário em construção” e, mais do que quaisquer outras, “O dia da criação”, com seu imperativo refrão “Porque hoje é sábado” e repleto de *trouvailles* humorísticas, e o belíssimo “Poema de Natal”, do qual nunca será demais repetir aquela comovida primeira estrofe:

*Para isso fomos feitos:  
Para lembrar e ser lembrados  
Para chorar e fazer chorar*

*Para enterrar os nossos mortos —  
Por isso temos braços longos para os adeuses  
Mãos para colher o que foi dado  
Dedos para cavar a terra.*

Ou a última, de uma aceitação quase estoica:

*Para isso fomos feitos:  
Para a esperança no milagre  
Para a participação da poesia  
Para ver a face da morte —  
De repente nunca mais esperamos...  
Hoje à noite é jovem: da morte, apenas  
Nascemos, imensamente.*

Decidimos deixar para o final — *et pour cause!* — a análise daquela forma em que Vinicius de Moraes alcançou talvez seus momentos mais altos e duradouros como poeta: a do soneto. Tal como o entendemos, o soneto tem suas origens em meados do século XIII, quando na Sicília, a partir de estruturas métrico-rítmicas rudimentares cultivadas pelos trovadores provençais Piero delle Vigne e, posteriormente, Guittone d’Arezzo o desenvolveram e fixaram, experiência de que logo a seguir se serviriam os poetas do *dolce stil nuovo*, entre os quais Guido Cavalcanti, Dante e Petrarca, e não há dúvida de que a concepção sonetística deste último domina toda a poesia da Renascença. É esse o modelo de que se valeram, entre outros poetas portugueses, Camões e Sá de Miranda. E foi nos sonetos de Camões, o maior poeta da língua, em que decerto se inspirou Vinicius de Moraes para desenvolver a sua moderna concepção dessa forma poética. Muitos dos sonetos do autor têm, de fato, um “sabor” quinhentista e até mesmo camoniano, sobretudo quando pensamos em seus hábeis — e não propriamente fáceis, ou “cheirosamente fáceis”, como o pretendeu Mário de Andrade —, jogos de antíteses. Quinhentista seria também, a propósito, um soneto como “Mal sem mudança”, que Manuel Bandeira escreveu já no fim da vida. E quinhentistas

seriam todos os sonetos de um poeta do calibre de José Albano, cuja exata conceituação histórico-literária constitui, até hoje, um enigma que desafia a crítica. Quinhentistas seriam, ainda, muitos dos sonetos que agora se escrevem, sem que isso lhes tire a intrínseca modernidade, condição essa que espande, por exemplo, em todos os rigorosos sonetos que nos legou um poeta tão atual (eu diria eterno) quanto Dante Milano. E quinhentistas seriam, enfim e afinal, quaisquer dos sonetos de ontem ou de hoje cujos autores se dispusessem, para além dos limites do tempo, a deixar-se levar por esse fluxo encantatório que aqui defino como a índole da língua.

Claro está que nem sempre Vinicius de Moraes acertou a mão no soneto. Alguns há, por exemplo, que, ou por sua temática, ou por sua concepção estritamente formal, não passam também de equívocos, e tem toda razão Mário de Andrade quando os reduz a simples “enganos parnasianos”, como é o caso do “Soneto de agosto”. Sob prisma distinto, creio que os alexandrinos do “Soneto de intimidade”, apesar de suculentos, não se adaptam ao tema escolhido pelo poeta. Mas sem dúvida já é um bom exemplar do gênero, sobretudo pela crueza lírica dos tercetos:

*Fico ali respirando o cheiro bom do estrume  
Entre as vacas e os bois que me olham sem ciúme  
E quando por acaso uma mijada ferve*

*Seguida de um olhar não sem malícia e verve  
Nós todos, animais, sem comoção nenbuma  
Mijamos juntos numa festa de espuma.*

Outros há, ainda, que são pálidos, ou apenas talvez formalmente corretos, talvez até corretos demais, como o “Soneto à lua”, o “Soneto a Katherine Mansfield”, o “Soneto de Londres”, o “Soneto de carnaval” ou o “Soneto do só ou parábola de Malte Laurids Bridge”, nos quais o poeta esgrima decerto uma fabulosa astúcia verbal, mas sem alcançar aquela mágica e indispensável adequação entre o *que* e o *como* da expressão poética. Em outras palavras: não se

percebem aqui os insólitos caminhos ao longo dos quais o pensamento sente e a emoção pensa, como ocorre nos terríveis sonetos de Antero de Quental. Ainda assim, já se pode intuir do que seria capaz o autor no cultivo dessa forma poética por muitos considerada tão cediça quão temerária. E ele o foi. Vejamos agora como e por quê.

A partir do momento em que, já dominados os segredos da língua, amadurece a linguagem poética de Vinicius de Moraes, ou seja, por volta de 1940, cristaliza-se também sua concepção estética quanto ao soneto, até então hesitante e nebulosa. Enfim, o tema adapta-se como luva à linguagem escolhida, e o poeta vai aos poucos se livrando daquele ranço retórico que lhe endurecia a expressão. Já se pode ver isso em dois sonetos, os “de contrição” e “de devoção”. Perceba o leitor a fluência e o impulso lírico da primeira quadra daquele, na qual fulgura a cunha camoniana através do sintagma “o meu peito me dói como em doença”:

*Eu te amo tanto, Maria, te amo tanto  
Que o meu peito me dói como em doença  
E quanto mais me seja a dor intensa  
Mais cresce na minha alma teu encanto.*

É de notável efeito retórico, por sua vez, a repetição da palavra “mulher” no outro soneto acima citado, sobretudo nos tercetos:

*Essa mulher que a cada amor proclama  
A miséria e a grandeza de quem ama  
E guarda a marca dos meus dentes nela*

*Essa mulher é um mundo! — uma cadela  
Talvez... mas na moldura de uma cama  
Nunca mulher nenhuma foi tão bela!*

E eis que chegamos ao primeiro dos sonetos integralmente resolvidos de Vinicius de Moraes, um dos mais belos da língua ou da literatura de qualquer

língua, o “de fidelidade”, cuja cadência decassilábica é no mínimo encantatória e no qual se harmonizam todas as virtudes expressivas que conquistara o poeta em termos de língua e de linguagem poética. Leia-se-lhe o primeiro quarteto:

*De tudo, ao meu amor serei atento  
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto  
Que mesmo em face do maior encanto  
Dele se encante mais meu pensamento.*

Ou os dois tercetos:

*E assim, quando mais tarde me procure  
Quem sabe a morte, angústia de quem vive  
Quem sabe a solidão, fim de quem ama*

*Eu possa me dizer do amor (que tive):  
Que não seja imortal, posto que é chama  
Mas que seja infinito enquanto dure.*

Pergunte-se a qualquer modesto ou fugaz leitor de poesia se não lhe ecoam para sempre na memória estes dois últimos versos. E por quê? Porque neles o milagre da poesia ocorre não apenas graças à magia verbal que os anima, mas também a uma experiência amorosa que transcende o âmbito pessoal da sensibilidade do poeta para tornar-se um bem comum de que todos partilham, uma doação que se recebe no nível de uma língua comum. Daí a razão pela qual os sonetos de Vinicius de Moraes dele fazem um clássico de nosso idioma. O mesmo se pode ver em algumas das passagens dos “Quatro sonetos de meditação”, como no terceto final do segundo deles:

*E eu, moço, busco em vão meus olhos velhos  
Vindos de ver a morte em mim divina:  
Uma mulher me ama e me ilumina.*

Ou no primeiro quarteto do terceiro:

*O efêmero. Ora, um pássaro no vale  
Cantou por um momento, outrora, mas  
O vale escuta ainda envolto em paz  
Para que a voz do pássaro não cale.*

Ou, ainda, nos dois tercetos do último:

*Sou o mar! sou o mar! meu corpo informe  
Sem dimensão e sem razão me leva  
Para o silêncio onde o Silêncio dorme*

*Enorme. E como o mar dentro da treva  
Num constante arremesso largo e aflito  
Eu me espedaço em vão contra o infinito*

Há ainda outros quatro sonetos em que se opera esse mesmo milagre: “Soneto do maior amor”, “Soneto de Quarta-Feira de Cinzas”, “Soneto do amor total” e “Soneto de separação”. O sábio emprego da conjunção *e*, aqui utilizada como um *pedale sostenuto*, cadencia e faz jorrar o ímpeto eufórico daquele primeiro, como se pode ver nos tercetos:

*Louco amor meu, que quando toca, fere  
E quando fere vibra, mas prefere  
Ferir a fenecer — e vive a esmo!*

*Fiel à sua lei de cada instante  
Desassombrado, doido e delirante  
Numa paixão de tudo e de si mesmo.*

Sinta-se agora a grave solenidade camoniana do soberbo decassílabo com que se abre o melancólico “Soneto de Quarta-Feira de Cinzas”:

*Por seres quem me foste, grave e pura.*

Ou atente-se para as graciosas antíteses de seu terceto final:

*Por não te possuir, tendo-te minba  
Por só quereses tudo, e eu dar-te nada  
Hei de lembrar-te sempre com ternura.*

Perceba-se a “imitação” camoniana dos primeiros versos do “Soneto do amor total”:

*Amo-te tanto, meu amor... não cante  
O humano coração com mais verdade...  
Amo-te como amigo e como amante  
Numa sempre diversa realidade.*

Ou a modernidade expressiva e a pulsação telúrica de seus esplêndidos tercetos:

*Amo-te como um bicho, simplesmente.  
De um amor sem mistério e sem virtude  
Com um desejo maciço e permanente.*

*E de te amar assim, muito e amiúde  
É que um dia em teu corpo de repente  
Hei de morrer de amar mais do que pude.*

Por fim, o mais miraculoso e talvez estimado de todos os sonetos de Vinícius de Moraes: o “de separação”. Tudo aqui é de uma extrema simplicidade, pois todo o fluxo retórico do poema repousa na repetição do verbo “fazer”, utilizado sempre naquele sentido heraclítico de alguma coisa que se transmuta em outra, e desse banalíssimo advérbio “de repente”. E no entanto

tudo aqui é de um supremo requinte, desde a tensão antitética e as aliterações rascantes até o esquema rítmico adotado, cujos segmentos rimáticos se espelham a distância uns dos outros: *anto, uma, ento, ama, ente, ante*. E ainda assim é este um dos sonetos do autor pelo qual nem ele nem seus herdeiros poderiam sequer invocar o usufruto de direitos autorais, pois está na boca e na memória de todos, mesmo daqueles que somente vez por outra frequentam o reino da poesia. É que nele, talvez mais do que em nenhum outro, Vinicius de Moraes realiza aquele ideal da língua comum a que se refere T. S. Eliot quando define a situação de Virgílio na poesia latina, ou seja, a de único e autêntico clássico do Ocidente. Que fique o leitor com a íntegra do “Soneto de separação”:

*De repente do riso fez-se o pranto  
Silencioso e branco como a bruma  
E das bocas unidas fez-se a espuma  
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.*

*De repente da calma fez-se o vento  
Que dos olhos desfez a última chama  
E da paixão fez-se o pressentimento  
E do momento imóvel fez-se o drama.*

*De repente, não mais que de repente  
Fez-se de triste o que se fez amante  
E de sozinho o que se fez contente.*

*Fez-se do amigo próximo o distante  
Fez-se da vida uma aventura errante  
De repente, não mais que de repente.*

Vinicius de Moraes morreu há trinta e três anos e, como poeta – não como compositor popular –, mergulhou naquela zona de silêncio e sombra em que costumam ser tragados os escritores após os 10 ou 20 anos de sua morte.

Durante esse tempo, muitos equívocos e incompreensões se acumularam, e o autor das *Cinco elegias* não foge à regra. Chamá-lo, como hoje ainda o chamam, ainda que carinhosamente, de “poetinha” não condiz em absoluto com a grandeza de seus versos. Cumpre assim que resgatemos, já e já, sua condição de alto poeta, de poeta que transcendeu os limites do tempo e que, numa antevisão de sua trajetória rumo à posteridade, escreveu um dia:

*Ando onde há espaço  
– Meu tempo é quando.*

“VINICIUS DE MORAES:  
POESIA DE MUITOS PLURAIS”

## Vinicius de Moraes, boêmio, poeta e diplomata

AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO

Ocupante da  
Cadeira 17  
na Academia  
Brasileira de  
Letras.

**N**ão tenciono apresentar uma biografia resumida de Vinicius de Moraes, nem criticar-lhe a obra literária, ou a musical. Desejo apenas narrar à guisa de depoimento, em homenagem ao seu centenário, cumprido há pouco, ocasiões pessoais ou familiares quando fomos muito próximos, na convivência diária que se estenderia por anos.

Afonso Arinos e Vinicius colaboravam no suplemento literário do jornal *A Manhã*, sendo Afonso demitido após a publicação do manifesto *Ao povo mineiro*, que ele idealizara e assinou contra a ditadura de Getúlio Vargas. O manifesto seria a primeira denúncia formal oposta ao governo de exceção. E Beatriz Azevedo de Mello, a Tati, primeira mulher do poeta, era prima-irmã de um tio meu.

Vinicius se encontrava com Afonso em reuniões de intelectuais que naquela época, durante a segunda guerra mundial, se uniam na

---

\* Conferência proferida na ABL, em 3 de dezembro de 2013.

luta contra o nazifascismo internacional e o regime autoritário brasileiro, corporificado no Estado Novo. Ambos debateram com Orson Welles a questão do conceito de arte com relação ao cinema, quando Arinos levantou perante Welles o problema de até onde o constante progresso tecnológico permitia que aquela concepção fosse aplicável às produções cinematográficas.

Afonso, amigo de Osvaldo Aranha, então ministro das Relações Exteriores, contribuiu para que Vinicius, já casado com Beatriz por procuração, obtivesse bolsa concedida pelo Conselho Britânico para o estudo da língua e literatura inglesas no Magdalen College, da Universidade de Oxford. Aquelas bolsas universitárias só eram distribuídas a homens solteiros, mas Vinicius levou de contrabando Tati, a menina do narizinho arrebitado que encantara Monteiro Lobato. O poeta fugia do College à noite, agarrando-se aos canos do telhado para descer e dormir com ela em Londres. Voltava a Oxford de madrugada, à espera que se abrissem as portas da universidade para poder entrar às 7 horas.

Ele dedicou à esposa a última das suas *Cinco elegias*:

“O roofs of Chelsea!

Encantados roofs, multicolores, briques, bridges, brumas

Da aurora em Chelsea! Ô melancholy!

(...) darling, darling, acorda, escuta

Amanheceu, não durmas... o bálsamo do sono

Fechou-te as pálpebras de azul...

(...) Para o teu despertar; ô darling, vem amar

(...) não ouves o rouxinol cantar em Central Park?

Não ouves resvalar no rio, sob os chorões, o leve batel

Que Bilac deitou à correnteza para eu te passear?

(...) Ó telhados de Chelsea

amanhecei!”

O poeta já prevenira, contudo, na “Elegia ao primeiro amigo”:

“Na verdade sou um homem de muitas mulheres, com todas delicado e  
atento

Se me entediam, abandono-as delicadamente, desprendendo-me delas  
com uma doçura de água

(...) Ninguém me injuria

Porque sou delicado; também não conheço o dom da injúria.

Meu comércio com os homens é leal e delicado; prezo ao absurdo

A liberdade alheia; (...) sou

Um monstro de delicadeza

(...) Uma mulher me vê viver, que me chama; devo

Segui-la, porque tal é o meu destino. Seguirei

Todas as mulheres em meu caminho, de tal forma

Que ele seja, em sua rota, uma dispersão de pegadas

Para o alto, e não me reste de tudo, ao fim

Senão o sentimento desta missão e o consolo de saber

Que fui amante, e que entre a mulher e eu alguma coisa existe

Maior que o amor e a carne, um secreto acordo, uma promessa

De socorro, de compreensão e de fidelidade para a vida.”

Parece excessivo Vinicius cantar fidelidade, ele que se uniu a nove mulheres consecutivas, e namorou muitas mais. Próximo ao fim, diria sonhar com a hipótese de viver num casarão com todas as que amou. Porém, mesmo a essas mulheres às quais destinava a promessa, o poeta avisara no “Soneto de fidelidade”:

“De tudo, ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto

Que mesmo em face do maior encanto

Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto

E rir meu riso e derramar meu pranto

Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure  
Quem sabe a morte, angústia de quem vive  
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):  
Que não seja imortal, posto que é chama  
Mas que seja infinito enquanto dure.”

A segunda guerra mundial alcança o casal na Europa. Vinicius desiste da bolsa na Inglaterra e volta ao Brasil. Resolve ingressar na diplomacia, estuda português com o futuro diplomata Antônio Houaiss, que, mais de meio século depois, sucedi nesta Academia. É aprovado em concurso do DASP, o Departamento Administrativo do Serviço Público, e nomeado em 1943, junto a Lauro Escorel, com quem, nos anos 50, eu serviria na Itália.

Quando, formado pelo Instituto Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores, ingressei na carreira diplomática em 1952, fui convidado pelo ministro João Alberto Lins de Barros, remanescente da Coluna Prestes, a servir no Departamento Econômico, que ele chefiava. “O Departamento Político é perfumaria”, decretou João Alberto. Outro diplomata meu amigo, chefe do Cerimonial, desejava que eu fosse ajudá-lo na sua área, mas nunca consegui interessar-me por cerimônias formais e questões protocolares. Eu sentia mais afinidade com os assuntos políticos, e me designaram para a Comissão de Organismos Internacionais. Ali chegado, apontaram-me uma mesa vazia, que seria a minha. Na mesa pegada, aboletava-se o diplomata Vinicius de Moraes.

Estaríamos juntos pelo tempo em que servimos na Secretaria de Estado – quase inseparáveis durante o dia no Ministério, à noite em romaria pelos bares de Copacabana. O horário manso do trabalho permitia vida boêmia colateral.

Em certa ocasião, talvez por causa das noitadas em que Vinicius era incansável, senti dor de cabeça e perguntei-lhe se tinha uma aspirina. Disse-me que não, mas esta seria a oportunidade para levar-me à Divisão Cultural, onde trabalhava João Cabral de Melo Neto, e me apresentar ao pernambucano, outro

poeta e diplomata. João Cabral sofria de enxaqueca crônica, e, para combatê-la, reservava em sua mesa uma gaveta cheia de analgésicos. Foi assim que fiquei próximo aos dois até o fim da vida de ambos, embora afastados, com frequência, pelas contingências da nossa profissão. Cabral e Vinicius foram, respectivamente, o mais mineral e o mais musical dentre os maiores poetas brasileiros.

Findo o expediente, Vinicius e eu nos dirigíamos à sede do jornal *Última Hora*, distante apenas alguns quarteirões do Itamaraty, onde ele devia entregar a crônica diária, com que suplementava os modestos vencimentos funcionais. Eu desconhecia, a princípio, que sua colaboração com a imprensa ia além daquela coluna. Uma tarde, entretanto, o contínuo entrou em nossa sala trazendo correspondência para o cronista, que aproveitava as folgas do serviço para respondê-la. Só que, naquele dia, a grande quantidade de cartas me surpreendeu. Intrigado, indaguei se eram todas de leitores da crônica. Meio sem jeito, ele perguntou se eu lia mesmo a *Última Hora*, e confirmei lê-la diariamente. O poeta, então, me disse: “*Flan*, semanário da *Última Hora*, tem um consultório sentimental.” Respondi: “Sei, assinado por Helenice.”

Helle Nice fora uma francesa corredora de automóveis, que disputou no Rio de Janeiro o Circuito da Gávea em seus tempos heroicos antes da segunda guerra mundial, pilotando um carro azul. Fazia sensação ao posar na praia de Copacabana, com um cigarro na boca e maiô de duas peças. O próprio ditador Getúlio Vargas, admirador do gênero vedete, deixou-se fotografar a cumprimentá-la, embevecido. Diziam que ela namorava o piloto italiano Marinoni, companheiro de Carlo Pintacuda. Ambos corriam com suas Alfa Romeo vermelhas, e Pintacuda venceu o circuito, ao derrotar o alemão Von Stuck, cuja presença na pista era anunciada pela bandeira nazista com a cruz suástica. Consta que Helle Nice encerrou sua carreira no Brasil como dona de bordel em Porto Alegre.

Veio, em seguida, a confissão encabulada de Vinicius: “Helenice sou eu. Esse monte de cartas se deve ao fato de ela ter anunciado uma receita infalível contra a queda de cabelos.” Conhecendo o poeta, não duvido que seus conselhos possam ter desfeito lares de leitoras e leitores incautos. E ainda ganhei

uma receita de próprio punho, firmada e dedicada por Helenice, que começava assim: “Comprar uma escova de pelo de arame. Esfregar com força o cabelo com sabão Aristolino. Vai cair cabelo à beça. Não dar bola.”

Na redação da *Última Hora*, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino e outros amigos formavam uma rodinha, conversando conosco a rememorar os fatos do dia. Otto cobrava de Vinicius, o grande lírico de *Poemas, sonetos e baladas*, talvez o mais belo dos seus livros de poesia, a continuidade da obra literária, mas o poeta se defendia, lembrando que as letras para a música popular estavam no coração e na boca do povo, ao passo que a leitura dos versos ficaria restrita a uma elite. Eu achava que os dois tinham razão, mas a verdade é que, no caso, a música, sempre bonita, superou a poesia, cujas últimas tentativas foram medíocres.

Tati fazia crônica de cinema. Recém-separada de Vinicius pela segunda vez, era constrangedor para ela juntar-se ao grupo. No entanto, caminhando de um lado para outro, passava por nós com frequência, e daí nasceu o primeiro samba-canção de Vinicius de Moraes, “Quando tu passas por mim”:

“Quando tu passas por mim  
Por mim passam saudades cruéis  
Passam saudades de um tempo  
Em que a vida eu vivia a teus pés  
Quando tu passas por mim  
Passam coisas que eu quero esquecer  
Beijos de amor infieis  
Juras que fazem sofrer  
Quando tu passas por mim  
Passa o tempo e me leva para trás  
Leva-me a um tempo sem fim  
A um amor onde o amor foi demais  
E eu que só fiz te adorar  
E de tanto te amar penei mágoas sem fim  
Hoje nem olho para trás quando passas por mim.”

Ao mesmo tempo, o poeta elogiava a sensualidade de uma namorada que, mais tarde, tornaria pública a relação entre ambos. Eu gostava da sua poesia e das músicas que ele compunha, estimava o amigo e colega, mas sem admirar-lhe, necessariamente, a atitude diante das mulheres. A Vinicius, como ao *Don Juan*, de Gregorio Marañon, nenhuma, de fato, contentava, pois ele, no final das contas, não satisfazia mulher alguma. Para o poeta, o feminino era um ser abstrato, verbo intransitivo. Assim, na “Receita de mulher”:

“As muito feias que me perdoem  
 Mas beleza é fundamental. É preciso  
 Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso  
 (...) Não há meio-termo possível. É preciso  
 Que tudo isso seja belo.  
 (...) e não deixe de ser nunca a eterna dançarina  
 Do efêmero; e, em sua incalculável imperfeição,  
 Constitua a coisa mais bela e mais perfeita de toda a criação inumerável.”

Nesses versos, Vinicius não fez mais que confirmar o que já cantara na adolescência, com o *fox-trot* “Loura ou morena”, composto por ele e Paulo Tapajós:

“Eu quero apenas a todas glorificar  
 Sou bem constante  
 No amor sou leal  
 Louras, morenas, sois o ideal  
 Haja o que houver  
 Eu amo em todas, somente a mulher.”

Porém reconhecia e louvava as que se defendiam, como “Marina”:

“Mas sempre te libertavas  
 Com doidas dentadas bravas  
 Menina fidalga!

(...) Que nas outras criaturas  
Não vi mais meninas puras  
Menina pura.”

A pena que ele sentia das mulheres também era plural, como mostra na “Elegia desesperada”:

“Tende piedade, Senhor, de todas as mulheres  
Que ninguém mais merece tanto amor e amizade  
Que ninguém mais deseja tanto poesia e sinceridade  
Que ninguém mais precisa tanto de alegria e serenidade.”

Vinicius separou-se de Tati pela primeira vez por causa de Regina Pederneiras, arquivista do Itamaraty, inspiradora da sua “Balada das arquivistas”:

“Oh, jovens anjos cativos  
Que as asas vos machucais  
Nos armários dos arquivos!  
(...) Eu vos incito a lutardes  
(...) E ir passear pelas tardes  
De braço com os namorados.”

Saindo do Ministério, o diplomata passeava pelo Campo de Santana de mãos dadas com Regina. Como se unira a Tati apenas pelo matrimônio civil, encontrou em Petrópolis um padre para casá-lo com a nova amada, na ausência conspícua da mãe e das irmãs. Passados uns dias, entrou na casa materna e cobrou: “Vocês não apareceram no meu casamento.” Elas ficaram esperando a repreensão, mas veio a reação carinhosa: “Pois perderam, estava muito bonitinho.”

O que segue me foi narrado por Pedro Nava, médico e escritor, amigo fraterno de Vinicius e de Afonso Arinos. Nava dormia de madrugada, quando Regina o acordou, telefonando cheia de susto: “Nava, Vinicius está desacordado. Não sei o que fazer. Me ajude.” Nava vestiu-se, arrumou a maleta de

instrumentos e remédios, e seguiu para a casa distante do amigo. Deu-lhe uma injeção, reanimou-o e foi-se embora. Poucos dias depois, Regina chamou de novo, alarmada: “Nava, Vinicius voltou a perder os sentidos.” O médico tornou a rumar para a casa do poeta. Lá jazia ele, desmaiado. Dessa vez, o médico pediu: “Regina, traz-me um café forte, por favor.” Quando a mulher desapareceu na cozinha, Nava indagou, sacudindo Vinicius severamente: “O que está havendo?” E o poeta entreabriu um olho súplice: “Pedrinho, eu não aguento mais...”

Vinicius não seria réu primário nesse truque. Um dia, já com o lar sob outra gerência, a musa de turno recorreu a Otto Lara Resende, pois seu companheiro sentia-se mal. Otto foi visitá-lo com Hélio Pellegrino, que tinha formação médica. Mas, ao adentrar o quarto onde jazia o poeta, Otto lobrigou, sobre a mesa de cabeceira, a intimação de uma promissória vencida. Tirou, então, da carteira uma nota de dois cruzeiros, cuja cor alaranjada era semelhante à da cédula de mil cruzeiros, ilustrada por uma figura de Pedro Álvares Cabral. Dobrou-a com cuidado e, ao se despedir de Vinicius, passou-a sorratamente ao pseudoenfermo, que, na sua expressão ao me narrar o episódio, capturou-a “com mão de garçom recebendo gorjeta”. Os dois amigos pretextaram sair, mas ficaram esperando atrás da porta, até ouvirem uma risada do poeta, que lhes confessou: “Eu pensava que fosse um cabralzinho...” E, já reconfortado, seguiu junto aos companheiros para a cidade.

A união de Vinicius com Regina não durou. Removido como vice-cônsul para o Consulado do Brasil em Los Angeles, o poeta reatara com Tati. O novo posto, onde teve como chefe o futuro acadêmico Sérgio Corrêa da Costa, o encantaria, por causa do seu grande interesse pelo cinema. Outra fonte de atração para ele era a música popular norte-americana, com o *spiritual* e o *jazz*.

Experiente cronista, crítico e censor cinematográfico antes de morar em Hollywood, Vinicius lá se tornaria amigo de Orson Welles, Louis Armstrong e Carmen Miranda. Namorou ou tentou namorar Rosina Pagã, Ann Sheridan, que chegou a detê-lo fisicamente, e Ava Gardner. Ao conhecer esta última, lançou-lhe olhares gulosos para o decote, mas ela observou: “Você me acha bonita? Por dentro, cheiro mal (*inside, I stink*).”

Um dia, ao representar o Consulado do Brasil no sepultamento de um marinheiro que morrera na viagem, a caminho do porto, o vice-cônsul tinha bebido, escorregou e caiu dentro do túmulo vazio. Para ele, o uísque era o melhor amigo do homem: “É o cachorro engarrafado”, dizia.

Quando se encontrava nos Estados Unidos, Vinicius perdeu o pai, e passou a noite escrevendo, para recordá-lo, a “Elegia na morte de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, poeta e cidadão”:

“A morte chegou pelo interurbano em longas espirais metálicas.  
Era de madrugada. Ouvi a voz de minha mãe, viúva.  
De repente não tinha pai.  
No escuro de minha casa em Los Angeles procurei recompor tua lembrança  
Depois de tanta ausência. Fragmentos da infância  
Boiaram no mar de minhas lágrimas. Vi-me eu menino  
Correndo ao teu encontro  
(...) Deste-nos pobreza e amor. A mim me deste  
A suprema pobreza: o dom da poesia, e a capacidade de amar  
Em silêncio  
(...) Eras, meu pai morto  
Um grande Clodoaldo  
(...) Neto de Alexandre  
Filho de Maria  
Cônjuge de Lydiá  
Pai da Poesia.”

O poeta servia nos Estados Unidos, mas, como sempre no exterior, sentindo a distância da terra natal. Então, cantou-a em “Pátria minha”, poema que João Cabral publicaria mais tarde em Barcelona, na sua prensa manual:

“A minha pátria é como se não fosse, é íntima  
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo  
É minha pátria. Por isso, no exílio

Assistindo dormir meu filho  
Choro de saudades de minha pátria.

(...) Vontade de mudar as cores do vestido (auriverde!) tão feias  
De minha pátria, de minha pátria sem sapatos  
E sem meias, pátria minha  
Tão pobrinha!

(...) Pátria minha... A minha pátria não é florão, nem ostenta  
Lábaro não; a minha pátria é desolação  
De caminhos. A minha pátria é terra sedenta  
E praia branca; a minha pátria é o grande rio secular  
Que bebe nuvem, come terra  
E urina mar.

Mais do que a mais garrida a minha pátria tem  
Uma quentura, um querer bem, um bem  
Um *libertas quae sera tamen*  
Que um dia traduzi num exame escrito  
'Liberta que serás também'  
E repito!

(...) Não te direi o nome, pátria minha  
Teu nome é pátria amada, é patriazinha  
Não rima com mãe gentil  
Vives em mim como uma filha, que és  
Uma ilha de ternura: a Ilha  
Brasil, talvez.

Agora chamarei a amiga cotovia  
E pedirei que peça ao rouxinol do dia  
Que peça ao sabiá

Para levar-te presto este avígrama:  
‘Pátria minha, saudades de quem te ama...  
Vinicius de Moraes’.”

Voltemos agora à Secretaria de Estado no Rio de Janeiro, onde trabalhávamos. Findo o horário do expediente no Ministério, íamos a pé até à *Última Hora*. Do jornal, saíamos para o bar Maxim’s, na Avenida Atlântica. Lá, era também diária a presença de boêmios contumazes, escritores e jornalistas talentosos, como Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Sérgio Porto, Fernando Lobo, Lúcio Rangel e Antônio Maria, já então inseparável de Vinicius. No Maxim’s, Vinicius ia encontrar Lila Bôscoli, sua terceira mulher, que gerou a “Balada dos olhos da amada”:

“Ó minha amada  
Que olhos os teus  
São cais noturnos  
Cheios de adeus  
São docas mansas  
Trilhando luzes  
Que brilham longe  
Longe nos breus  
Ó minha amada  
Que olhos os teus  
(...) Ó minha amada  
De olhos ateus  
Talvez um dia  
Quisesse Deus  
Que eu visse um dia  
O olhar mendigo  
Da poesia  
Nos olhos teus”

Às vezes, eu saía do Maxim's para ir ao Michel, ouvir cantar Dolores Duran, compositora e intérprete deliciosa d'“A noite do meu bem”, que morreu antes dos 30 anos.

De outra feita, percorri com o poeta vários pontos de encontro dos notívagos de Copacabana, até amanhecermos num bar do Posto 6, comemorando o nascimento, naquele dia, de Georgiana, sua filha com Lila. Afonso Arinos, ao saber disso, insinuou que Vinicius assim teria chamado a garotinha para homenagear Stálin, natural da Geórgia.

Um dia, Otto Lara Resende e eu resolvemos visitar o poeta, que estava acamado. Encontramos Tom Jobim sentado à sua cabeceira. Ex-aluno dos jesuítas, Vinicius fora católico fervoroso na mocidade, sobretudo pelas mãos de Octávio de Farias, que tinha grande influencia sobre ele, e o amava. Chegando a sentir simpatias integralistas, passaria depois para o lado oposto, como lídimo representante da esquerda festiva. Lembro-me dele a citar, como tipos de pessoas que detestava, fascistas e aventos.

A conversa com o enfermo descambou para os crimes de Stálin, que seriam denunciados por Krushev no Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Otto e eu pressionávamos Vinicius sobre a personalidade do líder soviético, e ele acabou concordando: “Uma grande figura, mas um monstro moral.”

Naquela época, eram comunistas ou simpatizantes vários dos maiores artistas, escritores e arquitetos brasileiros. Basta lembrar, quanto aos últimos, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, e, entre os primeiros, Cândido Portinari, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Graciliano Ramos, os diplomatas Antônio Houaiss, Vinicius de Moraes e João Cabral de Melo Neto, a quem Vinicius conclamara, certa vez, no “Retrato, à sua maneira”:

“Adiante Ave  
Camarada diamante!”

Mas o poeta era bom pai, como revela no “Poema enjoadinho”, escrito em Los Angeles quando tinha um casal de filhos, Susana e Pedro. Depois, viriam mais três meninas, Georgiana, Luciana e Maria:

“Filhos... Filhos?  
Melhor não tê-los!  
Mas se não os temos  
Como sabê-lo?  
(...) Depois, que boa  
Que morenaço  
Que a esposa fica!  
Resultado: filho.  
E então começa  
A aporrinhação:  
Cocô está branco  
Cocô está preto  
Bebe amoníaco  
Comeu botão.  
(...) Noites de insônia  
Cãs prematuras  
Prantos convulsos  
Meu Deus, salvai-o!  
(...) Mas se não os temos  
Como sabê-los?  
(...) Que maciez  
Nos seus cabelos  
Que cheiro morno  
Na sua carne  
Que gosto doce  
Na sua boca!  
Chupam gilete  
Bebem xampu  
Ateiam fogo  
No quarteirão  
Porém que coisa

Que coisa louca  
Que coisa linda  
Que os filhos são!”

Quanto à música popular, eu frequentava o Grêmio Recreativo Escola de Samba União de Vaz Lobo, com carteirinha de sócio e tudo. O grande compositor da escola, Zé Kéti, costumava vir com outros sambistas cantar em casa de parentes ou amigos meus. Uma vez, a reunião ocorreu na casa de Hamilton Nogueira, senador pelo Rio de Janeiro. Um filho de Hamilton era prócer importante do Grêmio Recreativo. Convidei Vinicius e Lila para irmos juntos. Lá chegados, encontramos Zé Kéti, sempre animado, a quem acompanhava um amigo discreto, de cabelos lisos e grisalhos, que se pôs a cantar, dedilhando o violão.

Lila ficou no auge da excitação ao ouvi-lo: “Vinicius, o samba da minha vida! Por favor, de quem é ele?”, exultava, ao perguntar ao sambista. “Meu, minha senhora.” “Mas, então, o senhor é...” “Nelson Cavaquinho, para lhe servir, minha senhora.”

Fui, com meus pais, celebrar os 40 anos de Vinicius no apartamento onde ele vivia, em Ipanema. Afonso Arinos gostava dos seus versos na “Balada do Mangue”, onde se abria o poeta social:

“Pobres flores gonocócicas  
Que à noite despetalais  
As vossas pétalas tóxicas!  
Pobres de vós, pensas, murchas  
Orquídeas do despudor  
(...) Ah, jovens putas das tardes  
O que vos aconteceu  
Para assim envenenardes  
O pólen que Deus vos deu?  
(...) Como sofreis, que silêncio  
Não deve gritar em vós

Esse imenso, atroz silêncio  
Dos santos e dos heróis!  
(...) Pobres, trágicas mulheres  
Multidimensionais  
Ponto-morto de choferes  
Passadiço de navais!  
(...) Por que não vos trucidais  
Ó inimigas? Ou bem  
Não ateais fogo às vestes  
E vos lançais como tochas  
Contra esses homens de nada  
Nessa terra de ninguém!”

Décadas mais tarde, conversando na Holanda com Joanita Blank, carioca de Santa Teresa, filha espiritual de Manuel Bandeira, que chegara a embaixadora da Holanda em Portugal e na Alemanha, perguntei-lhe como se dera seu namoro com Vinicius (que, repreendido por Bandeira, chamou-o, em versos, “poeta, pai, áspero irmão”). Joanita me contou que passeavam de bonde com as mãos dadas.

Na mocidade, ela fora próxima a Afonso Arinos e este lhe dedicou um poema, confessando, em suas memórias, haver sentido por Joanita uma “recôndita ternura”.

Hospedei-a na minha casa em Wassenaar, quando servi como chefe de missão nos Países-Baixos, e a frequentava assiduamente no lar de idosos onde se recolhera, próximo a Amsterdã. Doou-me, então, um desenho de Afonso que havia feito na juventude, e me pediu para trazer ao Rio um busto de Manuel Bandeira esculpido por Dante Milano, a fim de integrar o espólio do poeta na Casa de Rui Barbosa.

Joanita me disse, nessa ocasião, que ficara encantada com Pedro Nava, dançando juntos em um baile de Carnaval no High Life, mas não o namorou porque ele era feio e pobre.

O médico e escritor Pedro Nava foi íntimo de Vinicius, que lhe dedicou a “Balada de Pedro Nava”. Quando Nava meteu uma bala na cabeça, lembrei-me da canção, imaginando seu caráter profético sobre o destino do grande memorialista:

“Uma pedra a Pedro Nava  
Nessa pedra uma inscrição:  
*‘– deste que muito te amava  
teu amigo, teu irmão...’*

(...) Preciso muito falar-lhe  
Antes que chegue amanhã:  
Pedro Nava, meu amigo  
DESCEU O LEVIATÃ!”

Devoto dos encantos femininos, Vinicius não era discreto sobre suas detentoras, que lhe retribuía as atenções. Falando de um desses amores pouco duradouros, flama exótica, radiante em todos os sentidos, disse-me, certa vez, que não conseguia resolver se a julgava “uma beleza ou um bofe”.

Mas tinha o coração generoso. Chegou a desafiar o brutamontes que ousara falar mal de Alceu Amoroso Lima no Bar Recreio.

Uma noite, Vinicius com Lila, Antônio Maria e sua amada de ocasião passaram por nossa casa, a fim de levar-me a São Paulo, onde chegamos ao amanhecer. O pernambucano gordo dirigia o carro, e, repentinamente, começou a monologar. Vi que se punha a reproduzir, em voz alta, a discussão que imaginava estar-se travando no carro ao lado, com o qual ele apostava corrida para ultrapassá-lo: “Preste atenção, Azevedo, você está andando depressa demais... Cuidado, Azevedo, vá mais devagar... Não corra, Azevedo, por favor... Azevedo, aquilo é um negro, Azevedo!”

Tempos depois, o poeta seria removido para a Embaixada do Brasil na França, onde permaneceu pouco tempo, graças à antipatia do chefe. Foi,

então, transferido para a nossa delegação junto à Unesco, também localizada na capital francesa, chefiada pelo nosso amigo Paulo Carneiro, positivista ilustre, zelador da Casa Museu de Augusto Comte em Paris, futuro embaixador na Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Paulo viria a integrar esta Academia.

Por carta de março de 1955, Vinicius me informou de Paris que a “figura de Pedro Nava esteve excelente aqui. Grandes papos. Ele te contará aí. Consta que meu livro esgotou rápido, e eu estou brilhando muito por aí. Se for verdade, escreve contando, pois sempre dá prazer saber que a gente ainda não foi esquecido”.

Então nos afastamos, mas ele precisou de dinheiro no Rio, e arranjei-lhe empréstimo com parente nosso que geria uma agência bancária. O poeta ainda pediu: “Manda me avisar da data do vencimento.” Eu estava noivo, e, ao aproximar-se a ocasião do matrimônio, verifiquei que teria necessidade das parcas economias que a fiança imobilizara. Então, escrevi-lhe informando que a promissória por mim avalizada estava para vencer. E ele me tranquilizou com telegrama redigido em latim macarrônico: “NON AFOBARE FILI MIHI. PAPAGAIUS PAGATUS EST.”

Após o convívio com Vinicius no Rio, casei-me e fui removido para a Embaixada na Itália. A noite da minha despedida de solteiro transcorreu na calçada da Avenida Atlântica, quando ardia o incêndio do edifício onde ficava a boate Vogue, quase vizinha ao Bar Maxim’s, por nós frequentado. Houve quem saltasse lá de cima, não suportando as chamas, o calor e o fumo. No dia seguinte, amigas da noiva vieram assistir ao matrimônio diretamente do funeral de uma delas, que, em plena lua de mel, morrera abraçada ao marido na banheira cheia d’água, tentando escapar do fogo.

Ao felicitar-me, em agosto, pelo casamento com Beatriz, o poeta contava que, “apesar da grande agitação social, mesmo em Château d’Eu, este sarcófago, onde me enterrei por 15 dias para poder trabalhar um pouco em coisas minhas – o que é impossível em Paris”, ia “tocando assim mesmo o cenário de um filme e uma peça de teatro noite adentro”. (Foi no Château d’Eu, comprado havia pouco por Assis Chateaubriand, que o conde d’Eu,

marido da princesa Isabel, se refugiou após a proclamação da República no Brasil.)

A peça teatral e o filme a que Vinicius se referia eram “Orfeu da Conceição”, premiada no concurso de teatro do IV Centenário de São Paulo, exibida, com cenografia de Oscar Niemeyer, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, e “Orfeu Negro”, que ganharia, no Festival de Cinema em Cannes, a Palma de Ouro, e, em Hollywood, o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro.

Em crônica escrita naqueles dias, o poeta explica com mais detalhes seu trabalho: “Vim para terminar a primeira adaptação para o cinema da minha peça ‘Orfeu da Conceição’, de que o produtor Sacha Gordine quer extrair um filme. Depositamos ambos grandes esperanças no projeto. (...) É coisa apaixonante criar um filme. Nesta adaptação, construo o filme como eu o faria. Ao contrário da minha peça, em que a ‘descida aos infernos’ de Orfeu situa-se numa gafieira, no 2.º ato, estou transpondo o Carnaval carioca para o final do filme, como o ambiente dentro do qual a Morte perseguirá Eurídice.”

A propósito da peça e do filme, Vinicius me solicitou, em setembro, que o ajudasse a apressar uma resposta favorável a seu pedido, feito ao Itamaraty, para passar dois meses de férias no Brasil: “O tempo está correndo, e eu não posso perder essa minha viagem, que é importantíssima, do ponto de vista ‘cinematográfico’ da carreira. Você, por essa altura, já deve ter lido aí sobre o meu filme com o Gordine etc.” E dá, então, sua opinião sincera sobre a profissão que abraçáramos: “Não posso perder essa chance, do contrário acabarei mesmo embaixador, o que é uma das perspectivas mais sinistras que há na minha frente. Breve nos veremos aí, para trançar um violão. Estou cheio de sambinhas novos.”

Não obstante a visão pouco lisonjeira que parecia ter da carreira diplomática, o poeta, então primeiro-secretário, nela seria reintegrado, *post mortem*, no cargo de ministro de primeira classe, dentre cujos integrantes são designados os embaixadores.

E, aqui, talvez já aludisse à nova batida do samba, que nascera no violão de João Gilberto, com Tom Jobim ao piano e poesia de Vinicius de Moraes. O primeiro samba da bossa-nova a aparecer seria “Chega de saudade”:

“Vai, minha tristeza  
E diga a ela  
Que sem ela não poder ser  
Diz-lhe numa prece  
Que ela regresse  
Porque eu não posso mais sofrer.

Chega de saudade  
A realidade é que sem ela  
Não há paz, não há beleza  
É só tristeza e a melancolia  
Que não sai de mim, não sai de mim  
Não sai.”

O primeiro grande sucesso internacional da dupla Vinicius-Tom Jobim seria “Felicidade”, composto para o filme “Orfeu Negro”:

“Tristeza não tem fim  
Felicidade sim...

A felicidade é como a pluma  
Que o vento vai levando pelo ar  
Voa tão leve  
Mas tem a vida breve  
Precisa que haja vento sem parar.”

Com o samba-canção “Se todos fossem iguais a você”, Vinicius e Jobim definiam o sonho de amar:

“Se todos fossem iguais a você  
Que maravilha viver!  
Uma canção pelo ar  
Uma mulher a cantar

Uma cidade a cantar  
A sorrir, a cantar, a pedir  
A beleza de amar  
Como o sol, como a flor, como a luz  
Amar sem mentir nem sofrer;  
Existiria a verdade  
Verdade que ninguém vê  
Se todos fossem no mundo iguais a você.”

No belo “Prelúdio”, letra e música eram de Vinicius:

“Eu sem você  
Não tenho porque  
Porque sem você  
Não sei nem chorar  
Sou chama sem luz  
Jardim sem luar  
Luar sem amor  
Amor sem se dar.  
Eu sem você  
Sou só desamor  
Um barco sem mar  
Um campo sem flor  
(...) Sem você, meu amor, eu não sou ninguém.”

Enquanto na França, Vinicius se enamora, breve e dramaticamente, da bela Eugênia Maria, a Mimi, filha do embaixador Ouro Preto, irmã de caros amigos meus que eram diplomatas. Dela me recordo, em outros tempos, no Hotel Ritz, embrulhada num manto de leopardo. Dessa feita, Lila consegue recuperá-lo, mas seria pela última vez. E inspira ao poeta o “Soneto do amor total”:

“Amo-te tanto, meu amor... não cante  
O humano coração com mais verdade...  
Amo-te como amigo e como amante  
Numa sempre diversa realidade.

Amo-te afim, de um calmo amor prestante  
E te amo além, presente na saudade.  
Amo-te, enfim, com grande liberdade  
Dentro da eternidade e a cada instante.

Amo-te como um bicho, simplesmente  
De um amor sem mistério e sem virtude  
Com um desejo maciço e permanente.

E de te amar assim, muito e amiúde  
É que um dia em teu corpo de repente  
Hei de morrer de amar mais do que pude.”

Passamos por Paris em férias, revimos Vinicius e Lila, e revivemos por uma vez, saindo em bando, a boemia do Rio de Janeiro. Mas, o casal se desfazia. Enquanto me sentei no meio-fio, tentando consolar Lila que chorava, acontecia um novo amor ali mesmo, na calçada bem atrás de nós, pois o poeta se apaixonara, desta vez, por Lúcia Proença.

Transferido para Montevidéu como cônsul-adjunto, Vinicius se une a Lúcia, e compõe com Baden Powell, estimulados por uma caixa de uísque, os afrossambas, durante duas semanas passadas na casa dela em Petrópolis, que pertencera ao barão de Mauá.

Encontrava-me em Genebra como cônsul do Brasil quando assisti a uma sessão especial do filme “Um homme, une femme”, de Claude Lelouche, com a presença do diretor. E, para minha surpresa, ouvi, na trilha sonora, o “Samba da bênção”, de Vinicius e Baden. Nos debates que se seguiram à exibição, indaguei de Lelouche sobre a presença, no filme, do afrossamba que me era

familiar sem menção aos seus autores, mas ele se esquivou com uma tirada de mau gosto.

Sem desejar atingir o topo da carreira, Vinicius não desdenhava, entretanto, a diplomacia. Numa das músicas compostas com Baden, ele se define como poeta e diplomata, nessa ordem.

Sua fama como músico já era, então, bem maior que a de poeta. Mas ele pediu ao Ministério das Relações Exteriores para regressar ao Brasil, explicando oficialmente que o fazia por amor.

Pouco antes do golpe de Estado de 1964, o Itamaraty o devolveu a Paris, a fim de servir no Consulado-Geral. Lúcia, cansada de boemia, passara o bastão a Nelita.

Era o começo do fim da carreira diplomática de Vinicius de Moraes. O secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores, conhecido por sua ideologia direitista e antipatia pelos boêmios, colocou-o perante a opção de deixar o trabalho na boate Zum-Zum, em Copacabana, onde o poeta se apresentava todas as noites, ou licenciar-se sem vencimentos. Vinicius resolveu pedir licença.

Um ministro das Relações Exteriores, outrora signatário do Manifesto dos Mineiros contra a ditadura civil do Estado Novo, firmaria, também, o Ato Institucional n.º 5, que tirou a máscara da ditadura militar entre nós. O general-presidente de turno não julgava possível que um diplomata de carreira fosse, além de poeta, boêmio. E aposentou Vinicius compulsoriamente.

Numa das fases mais sombrias da nossa história, o poeta foi excluído da carreira diplomática por ato arbitrário do governo. Os catões de plantão, capachos da ditadura, julgavam-lhe a vida artística e boemia incompatível com a alegada pureza revolucionária. Não é que Vinicius tivesse vocação incoercível para a diplomacia. Nem poderia exercê-la por muito tempo, com o espírito desregrado que lhe era peculiar. Naquele momento, porém, sentiu o golpe financeiro.

Voltamos a estar juntos no Rio bem mais tarde, e por pouco tempo. Compositor e intérprete, ele se aproximara de Chico Buarque e Francis Hime, ambos filhos de primas-irmãs de meu pai. Maria Amélia, mãe de Chico, muito

religiosa e habitualmente severa, se dispunha sempre a compreender, explicar e desculpar as estrepolias do amigo. Este se apresentava, então, perante vasto auditório, acompanhado ao piano por Tom Jobim, Toquinho no violão, e Miúcha, irmã de Chico, a cantar. Com um copo de uísque sobre o piano, Vinicius advertia Jobim: “Tomzinho, vamos contar aquela história enquanto eu me lembro dela.” Terminado o espetáculo, esticávamos a noite em uma churrascaria, o poeta na cabeceira da mesa comprida, o dinheiro da bilheteria a estufar-lhe os bolsos do safári, pagando toda a despesa, com a generosidade ilimitada que lhe era habitual.

Chegado mais uma vez do exterior, peço notícias do poeta a Afonso Arinos, que responde: “Anda pela Bahia, morando na praia de Itapuã, metido numa bata, como franciscano.” Vivía com ele a baiana Gesse Gessy, filha de santo no candomblé.

Nosso encontro final ocorreu quando Vinicius dedicara à argentina Marta Rodriguez o “Soneto para Marta”:

“E sem olhar nem vida, nem idade,  
Me deste em tempo certo  
Os frutos verdes deste amor maduro.”

Duas amigas da nova companheira passavam uma temporada na casa de Vinicius no Rio, enquanto Martita permanecia em Buenos Aires. Fomos jantar os quatro num restaurante em Ipanema. O poeta bebia muito, ora a inclinar-se sobre uma das moças, ora sobre a outra, que lhe endireitava a roupa. Levei-os para sua casa na Gávea, à qual dava acesso, a partir da rua, uma vasta escadaria. Dali o vi pela última vez, subindo aos céus com dificuldade, amparado por um par de anjos portenhos.

Eu era chefe de missão na Embaixada do Brasil em La Paz, na Bolívia, quando minha esposa telefonou do Rio, onde prestava assistência a um filho, ferido com gravidade em acidente de automóvel conduzido por um irresponsável, no qual falecera uma jovem. Cuidadosa, Beatriz perguntou se eu já lera

os jornais brasileiros do dia, dos quais recebíamos uma sinopse telegráfica, e, diante da resposta negativa, deu-me a notícia da morte de Vinicius.

Lembranças do nosso convívio tão próximo nos anos 50 me assomaram aos borbotões, os dias no trabalho, as noites na boemia. Depois, a pobreza, quando o regime militar o demitiu do Itamaraty. O reencontro final, de novo nas madrugadas do Rio, o poeta entre mulheres em flor.

Para Carlos Drummond de Andrade, Vinicius “foi, de todos nós, o único que viveu como poeta”. Na opinião de João Cabral de Melo Neto, ele teria sido o maior poeta da língua, se não houvesse optado pela música. Disse-me Cabral que, a seu ver, no mundo e no século, o maior de todos fora Federico García Lorca. A quem Vinicius dedicou “A morte de madrugada”:

“Uma certa madrugada  
Eu por um caminho andava  
Não sei bem se estava bêbado  
Ou se tinha a morte n’alma  
(...) De repente reconheço:  
Eram campos de Granada!  
Estava em terras de Espanha  
Em sua terra ensanguentada

(...) Era um grupo de soldados  
Que pela estrada marchava  
Trazendo fuzis ao ombro  
E impiedade na cara  
Entre eles andava um moço  
De face morena e cálida  
Cabelos soltos ao vento  
Camisa desabotoada  
(...) Súbito um raio de sol  
Ao moço ilumina a face

(...) Era ele, era Federico  
O poeta meu muito amado  
(...) Chamei-o: García Lorca!  
Mas já não ouvia nada

Enquanto os soldados miram  
A cabeça delicada.  
(...) Hoje sei que teve medo  
Mas sei que não foi covarde  
(...) Atiraram-lhe na cara  
Os vendilhões de sua pátria  
Nos seus olhos andaluzes  
Em sua boca de palavras.  
(...) Em meio a flores de sangue  
A expressão se conservava  
Como a segredar-me: — A morte  
É simples, de madrugada...”

Não sei quem haja contribuído mais do que Vinicius para divulgar nossa literatura, a música popular e o cinema brasileiros no exterior. Pelo que lhe devemos, seu nome poderia ser dado a algum órgão do Ministério das Relações Exteriores encarregado da promoção cultural do Brasil no mundo.

O poeta extraiu da vida tudo o que ela podia oferecer-lhe. Viveu cada dia e cada momento como se fosse o último. Por outro lado, totalmente desprendido, sem ambicionar bens materiais, nem preocupado com a própria saúde, julgava que bastar-se a si mesmo era a pior solidão. Sempre se dando ao próximo, Vinicius de Moraes legou à vida uma herança de amor.

“VINICIUS DE MORAES:  
POESIA DE MUITOS PLURAIS”

## Vinicius de Moraes, o poeta da imperfeição

JOSÉ CASTELLO

No ano de 2013, ano do centenário de nascimento de Vinicius de Moraes (1913-1980), mais uma chance nos é oferecida para devolver ao poeta o lugar que lhe é de direito. Não só o de grande poeta, um dos maiores da língua portuguesa, mas o posto – tão necessário no século gelado e superficial em que vivemos – de poeta maior. Ao pensar nos grandes poetas do século XX brasileiro – João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meirelles, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes e tantos outros –, alguns ainda insistem em catalogar Vinicius de Moraes como um “poeta menor”, ou um simples (ainda que doce) “poetinha”. O escândalo dessa avaliação se evidencia com a simples leitura de seus poemas. Só um grande poeta, só um poeta singular e absolutamente dono de si, escreveria poemas como as *Cinco elegias*, de 1943, os magníficos

Escritor e jornalista, é colunista do suplemento “Prosa”, de *O Globo*. No *Globo On Line*, mantém o blog “A literatura na poltrona”. É colaborador do suplemento “EU&”, do jornal *Valor Econômico*, e do mensário “Rascunho”. Mestre em Comunicação pela UFRJ. Autor, entre outros, de *Ribamar* (Bertrand Brasil 2010, prêmio Jabuti de “romance do ano” em 2011), *Vinicius de Moraes, o poeta da paixão* (Companhia das Letras, 1994, prêmio Jabuti de “ensaio do ano” em 1995) e de *João Cabral: o homem sem alma* (Bertrand Brasil, 2006).

---

\* Conferência proferida na ABL, em 13 de dezembro de 2013.

sonetos, reunidos no *Livro de Sonetos*, de 1947, ou comoventes baladas, como a “Balada das arquivistas”, a “Balada do Manguê” e a “Balada das meninas de bicicleta”. Só um poeta maior escreveria poemas da força de “Pátria minha”, “Carta aos puros”, ou “Operário em construção”.

Apesar da vida agitada, inconstante e mundana, é possível, com o recurso da distância, observar Vinicius de Moraes, hoje, como uma espécie inesperada de eremita. Foi um poeta solitário – como um músico solitário também. Os poetas sempre desconfiaram de sua aproximação com a música popular – logo dele, que ocupou o lugar de grande mestre do movimento da bossa-nova. Sobre essa aproximação, disse João Cabral de Melo Neto em uma entrevista: “Vinicius teria sido o maior poeta do século XX brasileiro, não fosse essa mania da música popular.” Também os músicos, mesmo os que o olham com respeito, suspeitaram, algumas vezes, de suas origens livrescas e de gabinete. Situado entre a literatura e a música, onde estaria, afinal, Vinicius? Quem seria, no fim das contas, Vinicius de Moraes? Onde fica, exatamente, este “espaço entre” no qual o poeta sempre fez questão de viver? A resposta só pode ser uma: para além das artes clássicas e dos cânones, Vinicius foi, antes de tudo, um poeta da vida. Um homem movido não por uma estética, mas por uma paixão. A paixão pela imperfeição humana. Poeta – para tomar emprestada uma expressão clássica de Nelson Rodrigues – da vida como ela é.

Esteve, sempre, em busca da mulher perfeita: Tati, Lila, Lucinha, Gesse, Gilda – uma série quase sem-fim de grandes mulheres que o escoltaram. Em busca do parceiro perfeito: Tom Jobim, Baden Powell, Carlos Lyra, Toquinho, Chico Buarque, Edu Lobo, Antonio Maria, Claudio Santoro, Francis Hime –, nunca se contentando realmente com nenhum deles. Atravessou várias profissões: foi jornalista, cronista, crítico de cinema, censor de cinema, diplomata de carreira, músico, cantor e *showman*, letrista, poeta, dramaturgo, até mesmo um romancista que não se realizou. Quanto mais buscava a perfeição, mais esbarrava na imperfeição. Tornou-se, assim, um homem inquieto, apaixonado pela busca, um grande perseguidor. Que não teve receio de se deixar contaminar pelas impurezas e irregularidades do mundo. Ao contrário, que se “sujou” da vida para vivê-la em intensidade máxima.

Na célebre “Cartas aos puros”, poema-chave a que não me canso de retornar, Vinicius começa com uma grave advertência: “Ó vós, homens sem sol, que vos dizeis os Puros/E em cujos olhos queima um lento fogo frio/ Vós de nervos de nylon e de músculos duros/Capazes de não rir durante anos a fio.” Penso que o poeta se dirigia, sem saber, ao século futuro – o nosso século, o século 21 –, no qual a tecnologia (o “nylon”) nos hipnotiza, as imagens e as aparências (os “músculos duros”) nos desafiam, e a depressão (“capazes de não rir”) parece ser nossa mais grave doença. Um século acelerado, todo “para fora” e obcecado pelas etiquetas, pelos índices e pelas grifes, no qual a paixão – esse sentimento arcaico, mas feroz – parece não só supérflua, mas, até, um tanto ridícula. Um século da performance, que tem sempre a marca perfeita como objeto, descartando assim a imperfeição – beleza dolorosa, mas extrema – que define o humano.

“Ó vós que pedis pouco à vida que dá muito”, insiste Vinicius, nos alertando a respeito de nossas planilhas, de nosso apego aos balancetes e às projeções gráficas, de nosso amor cada vez mais fanático e insensato às performances, às medições, às tabulações e aos índices. “Ó vós, homens da sigla; ó vós, homens da cifra”, insiste o poeta, antevendo um século (o nosso século!) dominado pelo fascínio da contabilidade e pelo domínio sem alma das classificações. Triste século o nosso, no qual a técnica – bem tão precioso, extensão profunda do homem sobre o mundo – se transforma, no entanto, em um obstáculo e mesmo, tantas vezes, em uma couraça. A técnica que se quer perfeita, que busca o desempenho impecável e o resultado em série, descartando, assim, o que os homens têm de mais frágil, de mais fugidío, mas também de mais belo. Descartando a singularidade e a beleza – impura, incomparável – do particular. A imperfeição humana não é só deficiência, falha, mácula, limite; ela é, também, o registro de nosso tamanho e de nossa grandeza. Sem limites, dolorosos limites, ninguém chega a ser.

Daí a importância e a urgência de reler, hoje, a poesia de Vinicius de Moraes. Ela nos ajuda a abdicar de nossos sonhos loucos de poder e de vitória, para retornar ao que somos, seres pequenos e perdidos, como está dito na abertura da “Elegia quase uma ode”: “Meu sonho, eu te perdi; tornei-me em homem.”

Vinicius se oferece, assim, como um profeta que, em vez de olhar para frente e para fora, olha para dentro e para bem perto. Um profeta da “volta a si” – como alguém que, de repente, desperta de um desmaio. Movimento que, em um século fascinado pelas imagens, pelo virtual e pelas projeções, se torna cada vez mais necessário, senão obrigatório. Alguém que anuncia as tristezas humanas, mas também suas frágeis alegrias. Um poeta que trata das paixões mais ardentes, mas também de seu fracasso inevitável, expresso na ideia célebre do amor “eterno enquanto dure”. Um poeta que acolhe o homem por todos os lados, com o que ele tem de melhor, mas também com o que tem de pior. Que não se interessa pela aventura impecável, mas pelo caminho lento, sinuoso e amoroso dos seres humanos sobre nosso planeta Terra.

Acreditou, sempre, Vinicius em um mundo que recoloca a beleza acima da vantagem e da vitória: “As muito feias que me perdoem/Mas beleza é fundamental”, ele diz no célebre “Receita de mulher”. Não se trata da beleza padrão, “de passarela” – basta lembrar nos tipos físicos tão distintos e até improváveis das nove mulheres com que, ao longo da vida, o poeta se casou oficialmente. Um mundo que volte a apostar, para além da zoeira da performance e da cegueira do brilho, nos sentimentos secretos e delicados: “Alguém que me falasse do mistério do Amor/na sombra”, ele nos diz na “Elegia desesperada”. Um mundo, enfim, que inclua o imprevisível e alguma dose (sadia e sábia) de loucura: “Canta uma esperança desatinada para que se enfureçam silenciosamente os cadáveres dos afogados”, o poeta escreve na “Balada feroz”. Profeta do irregular, do torto e do desequilíbrio, em um século cuja imagem mais pura parece ser a das escadas rolantes que se desenrolam retas e impassíveis entre os andares dos *shoppings*, Vinicius profetizou, em resumo, a necessidade do humano, que é imperfeição e desordem, isto é, turbulência, calor e existência.

Desejou, todo o tempo, uma vida que valorizasse as miudezas: “A minha namorada é tão bonita, tem olhos como besourinhos do céu/Tem olhos como estrelinhas que estão sempre balbuciando aos passarinhos”, ele escreve na “Elegia lírica”. Mas como atribuir valor às frágeis “bolhinhas de sabão” – metáfora mais precisa para o movimento da bossa-nova – em um século que

se define pela força, pelo êxito e pelo desempenho? No século da publicidade, do *marketing* e das existências virtuais, Vinicius pode ser útil quando nos lembra de “uma vontade indizível de te falar docemente”, como está na “Elegia ao primeiro amigo”. Intelectual sofisticado e poeta de linguagem fina e rigorosa, ainda assim ele desabafa na “Carta aos puros”: “Ó vós que desprezais a mulher e o poeta/em nome de sua vã sabedoria/Vós que não comeis e viveis de dieta/E achais que o bem alheio é a melhor iguaria.” A sabedoria, para Vinicius, não podia ser vã. Poesia e pensamento, para ele, sempre andaram juntos. O saber não pode deixar de afetar e de transformar a vida. Foi um grande pensador, mas pensou sempre o homem sem desligá-lo de sua carne e de seus incêndios interiores. Foi um poeta requintado e trabalhador – as imensas pilhas de rascunhos e manuscritos guardadas nos arquivos da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, comprovam isso fartamente. Mas jamais deixou de lado experiências radicalmente humanas como os impulsos, as ideias fixas, os ardores e as obsessões.

Vinicius, como seu jeito sedutor e suas longas gargalhadas, foi, também, um profeta da felicidade. Está em “Um passarinho”: “Para que vieste/Na minha janela/Meter o nariz?/Se foi por um verso/Não sou mais poeta/Ando tão feliz!” Esses brevíssimos versos ajudam a entender, quem sabe, o lento distanciamento da poesia que Vinicius viveu em sua última década de vida. Tinha tantas coisas a experimentar, e com tanta urgência, que – na Bahia de Gesse Gessy, sua sétima mulher – ele voltou ao passado e, em plenos anos 1970, imitando os “poetas marginais” – Ana Cristina Cesar, Cacaso, Chacal, Charles –, passou a publicar em edições restritas mimeografadas, colocando, assim, a precariedade acima do sucesso e a transitoriedade além da consagração. Transformou-se, novamente, nos braços de Martita, sua oitava mulher, a argentina. E quando chegou ao colo de Gilda Mattoso, a mulher que o viu morrer, soube, mais uma vez, aceitar uma metamorfose.

Um homem que não teve medo de se transformar e que viveu, sempre, em estado de mutação. Um homem que aprendeu a ver e a amar os aspectos pequenos, esquecidos, das grandes coisas, e a arrancá-los da obscuridade para colocá-los bem à sua frente. Que buscou o pequeno como reduto secreto da beleza.

Lemos em um de seus mais belos poemas, “Pátria minha”, uma apaixonada declaração de amor ao Brasil: “A minha pátria é como se não fosse, é íntima/Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo/É minha pátria.” Diminuir para aumentar: Vinicius foi o poeta dos movimentos bruscos e das súbitas guinadas. Um poeta – como uma criança curiosa – sempre decidido a observar as coisas pelo avesso e a encontrar seus aspectos mais imprevistos e secretos.

Jamais abriu mão de sentimentos contraditórios e das oscilações íntimas que definem a alma humana. No “Poema enjoadinho”, ele nos oferece os célebres versos: “Filhos... Filhos?/Melhor não tê-los!/Mas se não os temos/Como sabê-lo?” Amava a vida justamente porque ela é complexa, cheia de nuances e de sentimentos que não combinam entre si. Com o que se distanciou da retórica impecável, da fala solene e da retidão estilística. Também nunca abriu mão de sentimentos antigos como a compaixão, a fraternidade e a piedade. Está em sua vigorosa “Balada do Manguê”: “Pobres flores gonocócicas/Que à noite despetalais/As vossas pétalas tóxicas!”, escreveu, pensando no amor triste das mulheres da vida. Estranho amor sem amor: “Sois frágeis, desmilinguidas/Dálías cortadas ao pé/Corolas descoloridas/Enclausuradas sem fé” Foi, antes de tudo, um lírico, que escreveu para cantar e encantar o mundo em que viveu. O que não foi nada fácil, tendo vivido no século do modernismo, das grandes guerras, das vanguardas políticas radicais, e da arte experimental.

A aposta no lirismo talvez pareça, desde os movimentos de vanguarda da metade do século XX, quase uma agressão à poesia. Foi com o lirismo, no entanto, que Vinicius disputou – e venceu – suas melhores batalhas. Sempre se recordou de Rosário, a primeira moça com que, ainda garoto, provou do amor. Escreveu em “Rosário”: “E eu que era um menino puro/Não fui perder minha infância/No manguê daquela carne!” Sempre valorizou, ao contrário dos adeptos do “novo pelo novo”, o sangue mais espesso da memória. Nunca desprezou os temas lúgubres, mórbidos mesmo, mas dolorosamente humanos mais uma vez, como aparece no fecho do “Soneto da hora final”: “E, como dois antigos namorados/noturnamente tristes e enlaçados/nós entraremos nos jardins da morte.” Nem mesmo – como já observou o poeta e crítico

Eucanaã Ferraz – fugiu do grotesco, como lemos, por exemplo, na “Balada da moça do Miramar”, em que ele escreve: “Mantém-se extática em face/Da aurora em elaboração/Embora formigas pretas/Que lhe entram pelos ouvidos/Se escapem por umas gretas/Do lado do coração.”

Apostou, com todo o empenho, na força da amizade, na necessidade dos grandes laços sentimentais, na potência da solidariedade e da admiração e no respeito total pelo outro. Com seus parceiros musicais, como ele mesmo dizia, viveu “casamentos sem sexo”. Explicava: “Na relação com meus parceiros tenho tudo o que tenho em um casamento, menos a relação sexual.” Sempre a falta – a grande falta – a surgir à sua frente. Sempre as falhas humanas que, no entanto, para seus olhos de poeta, engrandeciam as pessoas em vez de diminuí-las. O maior e o menor sempre juntos. Como podemos ler no “Soneto a Pablo Neruda”, de quem foi um amigo inseparável: “Canto maior, canto menor – dois cantos/Fazem-se agora ouvir sob o Cruzeiro/E em seu recesso as cóleras e os prantos/Do homem chileno e do homem brasileiro.” Vinicius nunca desprezou os sentimentos difíceis, as situações atormentadas, as experiências dolorosas e os becos sem saída. Ao contrário, sempre os valorizou como os aspectos mais difíceis – e por isso mesmo mais preciosos – da condição humana. Enfrentamento da dor, que esteve sempre ao lado de seu projeto de felicidade.

Escreveu, muitas vezes, a partir do sofrimento – como podemos ler no magnífico “Poética” (II), breve poema que vale a pena lembrar inteiro:

“Com as lágrimas do tempo  
E a cal do meu dia  
Eu fiz o cimento  
Da minha poesia.”

“E na perspectiva  
Da vida futura  
Ergui em carne viva  
Sua arquitetura.”

“Não sei bem se é casa  
Se é torre ou se é templo:  
(Um templo sem Deus.)

“Mas é grande e clara  
Pertence ao seu tempo  
– Entrai, irmãos meus!”

Foi não só o poeta do passado – que desenha o espírito humano com suas feridas –, mas também o poeta do futuro, que acreditou na alegria da transformação. Foi, como ele mesmo nos disse, um “poeta de seu tempo”. Soube enfrentar a dor e dela arrancar beleza e grandeza, como fez com a “Elegia na morte de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, poeta e cidadão”, versos difíceis a respeito da perda de seu pai. Em um momento de tanto sofrimento e desamparo, só um poeta – só um grande poeta – é capaz de arrancar sentido e beleza. “A morte chegou pelo interurbano em longas espirais metálicas”, ele começa. “Era de madrugada. Ouvi a voz de minha mãe, viúva./De repente não tinha pai.” Vinicius escreve em versos longos e derramados de agonia, contrariando as normas poéticas de seu tempo, adeptas dos versos secos e afirmativos. Suas elegias, seus sonetos, suas baladas, suas odes se desenrolam em absoluta indiferença para com as normas de seu tempo e, por isso, o fertilizam e o alimentam. São estojos antigos em que Vinicius acolhe e guarda o apelo interminável do desejo. Ainda a respeito do pai morto, ele escreve: “Muitas vezes te vi desejar. Desejavas. Deixavas-te olhando o mar/Com mirada de argonauta. Teus pequenos olhos feios/Buscavam ilhas, outras ilhas... – as Imaculadas, Inacessíveis/Ilhas do Tesouro. Querias. Querias um dia aportar/e trazer.” Espelhando-se na imagem paterna, Vinicius de Moraes pode ser visto, ele também, como um aventureiro, um incansável argonauta a atravessar mares e perigos em busca do tesouro maior, que jamais se acha. Tesouro da perfeição que – mais uma vez – só o levou a encontrar o destino inevitável, mas grande também, da imperfeição.

Nunca descartou o humano, e por isso foi, antes de mais nada, um poeta apaixonado. A paixão – Vinicius sempre afirmou – está na impureza. A vida é suja, imperfeita, manca, desconexa, e por isso mesmo é bela. E só por isso a paixão nos move, como um combustível imaterial. Não é algo que devemos esconder. Escreveu, no mesmo poema dedicado à moça Rosário: “E eu baixinho me entregava/Com medo que Deus ouvisse/Os gemidos que não dava!/Os gemidos que não dava...” No século dos protocolos, das precisas marcas olímpicas e da limpidez das passarelas, nada mais útil do que reencontrar Vinicius de Moraes, um profeta enfático da paixão, como um valor secreto, em meio a tantas falsas luzes, capaz de nos manter vivos.

Para encerrar, decido ler “Pátria minha”, um dos mais belos poemas que Vinicius de Moraes escreveu. Contudo, há uma história fabulosa que cerca este poema que gostaria, antes, de relembrar. Conta-se que no dia em que os militares decretaram o Ato Institucional Número 5, Vinicius se apresentava em um teatro de Lisboa. No intervalo do espetáculo, foi avisado da decretação do ato militar. “Talvez tenhamos que adiar por algum tempo nossa volta ao Brasil”, um companheiro de trabalho lhe disse. “Voltar agora pode ser perigoso.” Vinicius não quis ouvir mais: “Ninguém me diz o que fazer. Eu volto para o Brasil amanhã.” Em seguida, tranquilamente, retornou ao palco e concluiu o espetáculo musical, como se nada tivesse acontecido.

Ao fim do *show*, um amigo veio avisá-lo de que teriam de esperar algum tempo antes de deixar o teatro. A Juventude Salazarista cercara a porta dos fundos – a saída dos artistas – e esperava Vinicius (um notório poeta de oposição ao regime militar) para vaiá-lo, comemorando, assim, o AI-5. “Ninguém me impede de sair”, Vinicius tratou de dizer. Arrumou-se e caminhou até a porta do teatro. Quando a abriu, foi coberto por uma intensa e feroz vaia. Os rapazes da Juventude, todos metidos em solenes paletós, debochavam de seu sofrimento. O poeta, porém, não se intimidou. Esperou calmamente que as vaias abrandassem e, enfim, com a voz firme, recitou, inteiro, um dos mais belos poemas que já escreveu – justamente o “Pátria minha”, fruto do período em que viveu em Los Angeles como cônsul adjunto do governo brasileiro.

Um inesperado silêncio tomou conta da rua. Vinicius recitou todo o poema sem que ousassem interrompê-lo. Ao fim, em um gesto inesperado, mas belo, os rapazes tiraram seus paletós, com que fizeram um longo tapete, sobre o qual o poeta saiu do teatro em triunfo. Triunfo desta ou daquela posição política? Triunfo da situação ou da oposição? Não, triunfo da poesia. Estávamos em outro território, muito além das contingências humanas. Vinicius nos dava a prova definitiva: a poesia – se é mesmo poesia, se é grande poesia – ultrapassa e anula as contradições de seu tempo. Une todos os homens em um único sentimento do sublime. Eleva-nos acima de nós mesmos e nos torna maiores do que somos. Nós que somos tão pequenos, incompletos e imperfeitos. Quando abrigados no território caloroso e complexo da poesia, enfim temos uma chance de nos ultrapassar.

Eis “Pátria minha”. Um poema não só de amor à pátria, mas de amor à imperfeição.

## Pátria Minha

*Vinicius de Moraes*

A minha pátria é como se não fosse, é íntima  
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo  
É minha pátria. Por isso, no exílio  
Assistindo dormir meu filho  
Choro de saudades de minha pátria.

Se me perguntarem o que é a minha pátria direi:  
Não sei. De fato, não sei  
Como, por que e quando a minha pátria  
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água  
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa  
Em longas lágrimas amargas.

Vontade de beijar os olhos de minha pátria  
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...  
Vontade de mudar as cores do vestido (auriverde!) tão feias  
De minha pátria, de minha pátria sem sapatos  
E sem meias pátria minha  
Tão pobrinha!

Porque te amo tanto, pátria minha, eu que não tenho  
Pátria, eu semente que nasci do vento  
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço  
Em contato com a dor do tempo, eu elemento  
De ligação entre a ação e o pensamento  
Eu fio invisível no espaço de todo adeus  
Eu, o sem Deus!

Tenho-te no entanto em mim como um gemido  
De flor; tenho-te como um amor morrido  
A quem se jurou; tenho-te como uma fé  
Sem dogma; tenho-te em tudo em que não me sinto a jeito  
Nesta sala estrangeira com lareira  
E sem pé-direito.

Ah, pátria minha, lembra-me uma noite no Maine, Nova Inglaterra  
Quando tudo passou a ser infinito e nada terra  
E eu vi *alfa e beta* de Centauro escalarem o monte até o céu  
Muitos me surpreenderam parado no campo sem luz  
À espera de ver surgir a Cruz do Sul  
Que eu sabia, mas amanheceu...

Fonte de mel, bicho triste, pátria minha  
Amada, idolatrada, salve, salve!  
Que mais doce esperança acorrentada  
O não poder dizer-te: aguarda...  
Não tardo!

Quero rever-te, pátria minha, e para  
Rever-te me esqueci de tudo  
Fui cego, estropiado, surdo, mudo  
Vi minha humilde morte cara a cara  
Rasguei poemas, mulheres, horizontes  
Fiquei simples, sem fontes.

Pátria minha... A minha pátria não é florão, nem ostenta  
Lábaro não; a minha pátria é desolação  
De caminhos, a minha pátria é terra sedenta  
E praia branca; a minha pátria é o grande rio secular  
Que bebe nuvem, come terra  
E urina mar.

Mais do que a mais garrida a minha pátria tem  
Uma quentura, um querer bem, um bem  
Um *libertas quae sera tamen*  
Que um dia traduzi num exame escrito:  
“Liberta que serás também”  
E repito!

Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa  
Que brinca em teus cabelos e te alisa  
Pátria minha, e perfuma o teu chão...  
Que vontade de adormecer-me  
Entre teus doces montes, pátria minha  
Atento à fome em tuas entranhas  
E ao batuque em teu coração.

Não te direi o nome, pátria minha  
Teu nome é pátria amada, é patriazinha  
Não rima com mãe gentil

Vives em mim como uma filha, que és  
Uma ilha de ternura: a Ilha  
Brasil, talvez.

Agora chamarei a amiga cotovia  
E pedirei que peça ao rouxinol do dia  
Que peça ao sabiá  
Para levar-te presto este avigrama:  
“Pátria minha, saudades de quem te ama...  
Vinicius de Moraes.”